

## ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (ABRIL 2015)

Com base na amostra representativa da IACA (20 empresas, o que significa que o peso da amostra é de cerca de 78% da produção associada), constata-se que em **abril de 2015** a produção se situou em 192 758 toneladas contra as 185 747 tons produzidas em abril de 2014, o que representa um crescimento de 3.8% face ao período homólogo do ano anterior. O aumento ficou a dever-se aos incrementos mais ou menos relevantes em todas as espécies pecuárias, com exceção dos outros animais, relativamente estáveis (0.7%): 2.0% nos alimentos para aves, 4.7% nos bovinos e 7.1% nos alimentos para suínos. Por outro lado, abril deste ano regista uma inversão da tendência dos últimos 2 anos, com uma quebra (-0.7%) face ao mês de março, contra os 2.9% de 2014 e os 4.7% de 2013. Registe-se que, tal como já aconteceu no mês de março, este bom resultado global é “explicável” pelos 21 dias de fabrico em abril deste ano contra os 20 dias de abril de 2014, o que significa que temos de olhar com cuidado para os números da amostra. De facto, extrapolando os dias de fabrico, temos em abril de 2015 uma produção média diária de 9 179 tons, contra os 9 287 tons do homólogo de 2014, o que representa, em termos reais, uma quebra de 1.1%, o que nos dá uma ideia mais aproximada das dificuldades do mercado. De qualquer forma, a produção “está lá” e conta para os resultados dos valores acumulados nestes 4 meses que mostram, aparentemente, uma relativa recuperação da procura de alimentos compostos para animais, ainda que muito diversa nas diferentes espécies, cuja evolução vai depender muito da evolução da economia e naturalmente do consumo disponível, mas também dos preços das matérias-primas e dos mercados internacionais, designadamente a evolução dos preços do petróleo, relação euro/dólar, a crise na Rússia/Ucrânia ou o problema da Grécia.

No que respeita a Portugal, com eleições à porta e num ambiente de pré-campanha não vão surgir certamente novas medidas, a não ser alguns ajustamentos e um trabalho mais ou menos intenso no plano externo, procurando abrir novos mercados para as exportações agroalimentares. Apesar das expectativas de crescimento, a redução do *deficit* e o combate ao desemprego, com mais ou menos austeridade, deverão ser as grandes prioridades, ou seja, os próximos anos vão ser marcados por dificuldades e exigências que bem conhecemos, não se prevendo alterações num aspeto que é essencial e que devia ser combatido severamente a partir de Bruxelas: a relação entre produção, indústria e grande distribuição e o problema dos prazos de pagamento. Estas, a par de medidas de combate à excessiva volatilidade – que provavelmente só poderão ser contidas com uma política mais virada para os seguros ao rendimento – são questões essenciais para a viabilidade da atividade pecuária em Portugal e na Europa. Outro *dossier* (OGM) a que a IACA está mais diretamente ligada, a nível nacional e no plano europeu, tem a ver com o combate à proposta da Comissão de nacionalizar as importações de matérias-primas transgénicas. Alguém imagina, na situação atual de mercado, de elevada dependência de fontes proteicas, quando a soja é mais de 80% geneticamente modificada (eventos autorizados, registe-se), que vai ser possível produzir alimentos compostos sem estas matérias-primas? E, se sim, a que custos? Quem vai pagar esses acréscimos, o consumidor e a grande distribuição? Qual o impacto desta política na pecuária da União Europeia, sobretudo em países como a Polónia, Alemanha e França, grandes produtores pecuários? Uma proposta que, para além de ser puramente política, tem, em nossa opinião, 2 méritos: o de ter recolhido uma primeira reação negativa da parte da maioria dos operadores e Estados-membros, numa coligação negativa, e o de responsabilizar os Estados-membros na votação dos OGM, não sendo claro que quem votou sistematicamente contra até hoje

(Polónia, Hungria, França, Itália....) o venha a fazer quando não se pode mais “esconder” nas decisões da Comissão Europeia e no conforto da não existência de maiorias qualificadas. Um tema complexo e ao qual estamos a dar a máxima prioridade, como facilmente se compreende. Outra iniciativa relevante para a Indústria tem a ver com o **QUALIACA**, estando “em cima da mesa”, para ser assinado, um Memorando de Entendimento entre a DGAV, IACA e ACICO, para o qual a Direção da IACA já manifestou a sua disponibilidade em assinar.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos  
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	<b>Abril 2014</b>	<b>Abril 2015</b>	<b>Varição (%)</b>
AVES	88 584	90 387	2.0
BOVINOS	41 022	42 941	4.7
SUINOS	45 032	48 243	7.1
OUTROS	11 109	11 187	0.7
<b>TOTAL</b>	<b>185 747</b>	<b>192 758</b>	<b>3.8</b>

**Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro**

	Toneladas			
	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>VAR%2015/14</b>
JANEIRO	189 328	190 285	183 315	-3.7
FEVEREIRO	172 053	169 253	169 178	-0.04
MARÇO	183 095	180 561	194 134	7.5
<b>ABRIL</b>	<b>191 697</b>	<b>185 747</b>	<b>192 758</b>	<b>3.8</b>
MAIO	198 611	187 486		
JUNHO	175 204	182 590		
JULHO	193 298	201 080		
AGOSTO	192 228	185 549		
SETEMBRO	183 177	186 769		
OUTUBRO	202 477	197 241		
NOVEMBRO	190 829	175 891		
DEZEMBRO	191 824	194 427		
<b>TOTAL</b>	<b>2 263 821</b>	<b>2 236 879</b>	<b>739 385</b>	<b>1.9</b>

Em termos de **valores acumulados**, com os dados de abril, passámos de 1.2 para um aumento de 1.9%, o que significa que os alimentos para aves estão agora relativamente estabilizados (0.3%), registando-se um retracção apenas nos alimentos para outros animais (-2.7%). Em alta, os alimentos para bovinos (2.3%) e suínos (5.6%) que têm compensado os outros segmentos de mercado. Considerando as empresas da amostra neste período de janeiro a abril, foram 15 (14 no mês anterior), as que registaram melhores produções que em igual período do ano passado, representando 64.4 % de quota de mercado, contra os 60.2% de 2014, o que significa alguma concentração, ainda que relativamente diminuta, comparativamente ao que se passa noutros mercados europeus. No que respeita ao chamado **“mercado livre”**, registou-se, em abril de 2015,

um crescimento de 5.3% face a 2014, em que os bovinos têm sido essenciais, com um acumulado de 1.4%, contra 1.9% do mercado global. Apesar das dificuldades e da acentuada concorrência, este segmento continua bastante resiliente, com uma quota de mercado dentro da amostra de 37.2% em 2015, contra os 37.3% de 2014, nestes primeiros quatro meses do ano.

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos  
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	Jan-Abr. 2014	Jan-Abr. 2015	Variação (%)
AVES	334 746	335 628	0.3
BOVINOS	164 350	168 204	2.3
SUINOS	179 539	189 617	5.6
OUTROS	47 211	45 936	-2.7
<b>TOTAL</b>	<b>725 846</b>	<b>739 385</b>	<b>1.9</b>

**Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies**

	1000 TON							
	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015
JANEIRO	84	80	45	42	49	50	13	12
FEVEREIRO	77	76	38	39	42	44	11	11
MARÇO	85	90	40	44	44	48	12	12
<b>ABRIL</b>	<b>89</b>	<b>90</b>	<b>41</b>	<b>43</b>	<b>45</b>	<b>48</b>	<b>11</b>	<b>11</b>
MAIO	91		40		45		11	
JUNHO	89		39		44		11	
JULHO	98		43		48		12	
AGOSTO	89		41		45		10	
SETEMBRO	86		42		48		11	
OUTUBRO	92		44		51		10	
NOVEMBRO	81		39		47		9	
DEZEMBRO	86		45		53		10	
<b>TOTAL</b>	<b>1047</b>	<b>336</b>	<b>497</b>	<b>168</b>	<b>561</b>	<b>190</b>	<b>131</b>	<b>46</b>

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor avícola, o frango vivo situa-se entre 0.90 e 1.00 €/kg carcaça, os ovos entre 0.75 e 0.85 €/dúzia, e o peru nos 2.45 €/kg carcaça, todos com tendência de estabilidade, com os ovos num cenário muito preocupante. Nos bovinos de **carne**, regista-se uma tendência de quebra, situando-se os novilhos nos 3.90 €/kg carcaça, com algum excesso de oferta. No **leite**, temos excesso de produção e muitas preocupações quanto á situação do mercado. Nos **suínos**, o regresso à estabilidade nos preços mas existe um otimismo moderado quanto a uma eventual recuperação a partir de junho. Situação difícil para toda a pecuária, a depender de preços mais favoráveis nas matérias-primas. Para já, a abordagem ao mercado português é crescente da parte de novas empresas fornecedoras... alternativas viáveis? Aguardemos os próximos tempos.